

PRAGMATISMO E UNIVERSIDADE: ALIANÇA VIÁVEL?

PRAGMATISM AND THE UNIVERSITY: A VIABLE ALLIANCE?

José Renato Nalini¹

Docente Universitário da Pós-Graduação em Sentido Estrito

(Uninove, São Paulo/SP, Brasil)

ÁREA(S): direito educacional; filosofia do direito.

RESUMO: A universidade brasileira recebeu do constituinte missão tríplice: ensinar, pesquisar e transformar a sociedade mediante contínua atuação em seu meio. Nada obstante, controverte-se a preservação do modelo de universidade *intelectual*, voltada à busca da *verdade*, sem compromisso com a realidade ou da universidade *pragmatista*, aberta às exigências postas à humanidade pelo contemporâneo. Sem prejuízo de prosseguir em sua destinação original, o *neopragmatismo* é um bom indicativo

de que a universidade, principalmente a particular, pode contribuir para o aprimoramento do convívio em tempos de 4ª Revolução Industrial.

ABSTRACT: *The brazilian university received of constituent triple mission: teaching, research and transform society through continuous presence in your midst. However, nobody is sure about the preservation of university intellectual model, focused on the search for truth, without commitment with the reality or the university pragmatist open to the demands made by contemporary Humanity. Without prejudice to proceed in it's original*

¹ Doutor em Direito Constitucional (USP, 2000), Mestre em Direito Constitucional (USP, 1991), Ingressou na Magistratura do Estado de São Paulo (1976), Ingressou no Ministério Público Paulista (1973), Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais (Faculdade de Direito, PUC, Campinas, 1971), Integrante de Bancas de Mestrado e Doutorado. Orienta pós-graduandos e profere palestras e conferências em inúmeros espaços. Secretário de Estado da Educação de São Paulo. Eleito imortal da Academia Paulista de Letras em 2003, foi seu Presidente em dois mandatos e também integra inúmeras outras Academias, assim como Conselhos Consultivos de órgãos como a SOS-Mata Atlântica e o Conselho Editorial da Revista da USP. Participante do Conselho da Fundação Innovare, que premia e reconhece boas práticas no sentido da otimização da prestação jurisdicional. Ex-Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo (2014-2015) e Ex-Secretário da Educação do Estado de São Paulo (2016-2018). Autor de *Ética geral e profissional* (13. ed. RT-Thomson Reuters). E-mail: jose-nalini@uol.com.br. Currículo: <<http://lattes.cnpq.br/3439599096974863>>.

destination, the neo-pragmatism is a good indication that the university, mainly private, can contribute to improving the society in times of fourth Industrial Revolution.

PALAVRAS-CHAVE: universidade; modelo tradicional; pragmatismo; protagonismo da universidade particular.

KEYWORDS: *university; traditional model; pragmatism; role of private university.*

SUMÁRIO: Introdução; 1 Um *flash* da universidade atual; 2 As mutações da universidade; 3 Uma terceira via; 4 O pragmatismo em nossos dias; Conclusão; Referências.

SUMMARY: *Introduction; 1 Flash of the current university; 2 The mutations of the university; 3 A third way; 4 The pragmatism in our days; Conclusion; References.*

INTRODUÇÃO

A educação é o grande tema brasileiro no século XXI. Os *rankings* mundiais apontam evidente deficiência do ensino em nosso País. A avaliação PISA, realizada trienalmente pela OCDE, aponta o Brasil nos derradeiros lugares da relação de cerca de setenta nações. Nada obstante, o investimento em educação é crescente e não se distancia de Nações com alguma semelhança – ao menos parcial – com a nossa.

Os gastos com o ensino superior parecem muito superiores ao que seria razoável para um País em que grande parcela da população é analfabeta funcional. A gestão pública não é das mais eficientes e o dispêndio se concentra no pagamento de pessoal, seja ativo, seja inativo.

A possibilidade de fazer com que a iniciativa privada, sempre mais próxima à realidade econômica e antenada com os avanços científicos e tecnológicos, venha a alavancar a urgência de tornar o ensino superior compatível com as urgências brasileiras, talvez seja uma *terceira via* entre a preservação do modelo *intelectual* de universidade e a *pragmatista em sentido estrito*, tão condenada por uma parcela da *intelligentsiatupiniquim*.

Essa a proposta a ser desenvolvida no presente artigo, que fará pesquisa bibliográfica, a partir de textos e fragmentos de autores relacionados ao pragmatismo enquanto corrente filosófica e que contará com um breve diagnóstico sobre a universidade contemporânea, sucedido por uma análise de sua evolução histórica e uma proposta de releitura à luz do pragmatismo. Espera-

se como resultado ampliar a reflexão acerca do seu papel como transformadora de realidades, conferindo-lhe nova musculatura.

1 UM FLASH DA UNIVERSIDADE ATUAL

A universidade brasileira recebeu do constituinte uma tríplice missão: propiciar ensino, pesquisa e extensão.

Do ensino, praticamente todas as instituições de nível superior em funcionamento se desincumbem. Algumas com reconhecida eficiência. A pesquisa é um campo ainda frágil. Quanto à extensão, há controvérsias.

Controverte-se a vocação da universidade. A era do dissenso em praticamente todas as questões do convívio não facilita a formação de consensos mínimos. Não é fácil preservar a coexistência de diversas visões de mundo e não se harmoniza o elenco de expectativas quanto à real função de uma universidade.

Tendência constatável em inúmeros países detectaria uma das vulnerabilidades do ensino superior, a instância precípua à busca do saber sem compromisso senão com a verdade é por muitos acusada de ceder a um pragmatismo simplório: servir ao poder econômico.

Para o sociólogo Carlos Benedito Martins,

as universidades estão numa encruzilhada. No plano mais imediato, contingente, a polarização de opiniões existente em diversas sociedades penetra o ambiente de ensino, provoca cisões na convivência entre docentes e discentes e corrói laços sociais. Grupos das mais variadas inclinações políticas, identitárias ou ideológicas, agem de forma pontual para estabelecer as suas pautas específicas e interditar o livre debate de ideias.²

No plano estrutural, as demandas econômicas priorizam o padrão de universidade apta a atender às reivindicações do mercado.

As causas desse fenômeno são conhecidas. A indigência da política partidária em Estados-Nação de desenvolvimento retardado faz com que os

² Carlos Benedito Martins, Doutor em Sociologia pela Universidade de Paris e Professor Titular do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB), Presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia (Adeus, Humboldt.FSP, Ilustríssima, p. 4, 19 ago. 2018).

governantes não reconheçam como investimento os custos das instituições de ensino. Propõem se adote modelo de sustentabilidade em que a universidade se encarregue de fornecer ao empresariado o produto hábil a ressarcir as destinações estatais para o orçamento universitário³.

A *lex mercatória* rege também o ritmo e o rumo da universidade. Hoje, ela disputa alunado e faz *marketing* empresarial, em busca de prestígio e de figurar nos *rankings* internacionais.

Essa febre contamina as agências de controle do ensino superior, sejam elas Ministérios ou organismos análogos, impondo a necessidade de consecução de alvos cada vez mais pretensiosos. O credenciamento, a avaliação periódica, o recredenciamento, a aprovação ou a desaprovação de cursos se submete a essa lei de mercado, que é a produção consistente de resultados.

A globalização e a instantaneidade nas comunicações diluem fronteiras e a esfera transnacional é o cenário em que procuram refulgir as milhares de entidades dedicadas ao ensino de nível superior.

Uma constelação de eventos contribui para isso, entre os quais a expansão mundial das instituições, a crescente instalação de universidades estrangeiras em outros países, o incremento da mobilidade acadêmica internacional de estudantes e pesquisadores e a emergência de dezenas de *rankings* globais.⁴

Essa corrida desenfreada em direção ao êxito resulta em foco utilitário: a universidade tem de ser protagonista na intensificação da competitividade econômica e tecnológica e isso altera profundamente a função docente. “Cada vez mais os docentes são estimulados a valorizar publicações indexadas; as atividades de ensino, que vêm deixando de constituir critério relevante em termos de prestígio, tendem a assumir papel secundário”⁵.

Alimentar constantemente o currículo disponível, qual o *Lattes*, passou a ser uma tarefa de que os professores não podem negligenciar. Nem os alunos,

³ Outro fenômeno que ocorre com governos nutridos pelo populismo é injetar recursos nas universidades públicas, mas transformá-las em núcleos aparelhados de defesa dos interesses imediatos do Governo e da disseminação de concepções políticas do governante de plantão. Uma auditoria nas universidades federais mostra o que tem sido investido em ensino, pesquisa e extensão ou em outros objetivos.

⁴ Martins, Carlos Benedito. Op. cit.

⁵ Idem.

hoje tão desenvolvidos no uso contínuo das redes sociais. E o fazem, docentes e discentes, “para promover um *marketing* pessoal, divulgar suas publicações e projetar uma imagem positiva de suas realizações, passando a atuar como verdadeiros microempresários acadêmicos de si mesmos”⁶.

Essa trajetória representa uma perversão do papel reservado à universidade ou mero ajuste às exigências contemporâneas?

2 AS MUTAÇÕES DA UNIVERSIDADE

A universidade nasceu para cultivar e disseminar o saber. Com pretensão a abarcá-lo na integralidade, daí a *universitas*, a dimensão máxima atingível pelo intelecto humano. Durante o medievo, a Igreja foi a grande guardiã do conhecimento. Os conventos, os seminários e os eremitérios deram guarida à produção de todo o acervo criativo da consciência racional.

Há universidades consolidadas a partir do oitocentos. A natureza da universidade era a busca livre e gratuita da verdade científica, sem vinculação com resultados tangíveis desse mister. A alteração de rumo do ensino universitário e da vocação dessas usinas do conhecimento não foi objeto de preocupação de muitos pensadores. Mas autores como Darren O’Byrne⁷, Lawrence Busch e Steven Ward⁸ procedem à análise comparativa entre o modelo *intelectuale* o modelo *gerencial* de universidade.

O modelo *intelectual* concebe a universidade como espaço social e intelectual vocacionado à procura e ao cultivo do saber. É uma tradição que tem no projeto de criação da Universidade de Berlim, em 1810, por Wilhelm von Humboldt, a sua formatação mais emblemática. Podem-se alinhar a essa categoria o pensamento de John Henry Newman, Karl Jaspers, Jürgen Habermas, Zygmunt Bauman e Stephen Ball, entre tantos outros.

A experiência alemã foi compartilhada pela Inglaterra e pelos Estados Unidos. O Brasil inspirou-se na França e enfatizou a formação profissional, mas absorveu algumas das linhas do modelo de Humboldt.

⁶ Idem.

⁷ O’BYRNE, Darren. Back to the Future: the idea of a University Revisited (De volta para o futuro: a ideia de universidade revisitada). Apud MARTINS, Carlos Benedito. Op. cit., p. 4.

⁸ WARD, Steven; BUSCH, Lawrence. Neoliberalism and the Global Restructuring of Knowledge and Education (Neoliberalismo e a reestruturação global do conhecimento e da educação). Apud MARTINS, Carlos Benedito. Op. cit., p. 4.

Dado interessante é a publicação, em 1963, do livro *Os usos da universidade*, de Clark Kerr, Presidente da Universidade da Califórnia, que propôs o reconhecimento de múltiplasfunções atribuídas à universidade. Ele chamou de *multiversidade* o fato de, “além de cuidar do ensino e da pesquisa, o ambiente acadêmico começou a assumir uma pluralidade de funções e um papel relevante no crescimento das economias nacionais”⁹.

Essa inflexão fica nítida no ensino jurídico. Até à década de 70 do século passado, as Faculdades de Direito formavam “Bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais”. Recrutavam os acadêmicos mediante vestibulares que exigiam Latim, Lógica, Filosofia e Psicologia. A partir de então, passam a diplomar “Bacharéis em Direito”, profissionais direcionados primordialmente ao desempenho da advocacia e ausente preocupação com o viés humanístico.

Algumas obras reforçaram essa opção pragmática. Assim, Peter Drucker, professor de Administração de Harvard, publica, em 1959, *LandmarksofTomorrow* (*Balizas do amanhã*) e *Uma era de descontinuidade*, em 1968. Introduz-se o conceito de *sociedade do conhecimento* (*knowledgeSociety*), hoje ainda em voga. O grande ativo da economia contemporânea passa a ser o saber, não a matéria-prima, nem exclusivamente o capital. Em 1973, Daniel Bell, Professor de Sociologia em Harvard edita “*O advento da sociedade pós-indústria*” e indica a produção intelectual das universidades como relevante fator de produção e fonte de inovação na economia da fase pós-indústria.

A convocação da universidade para atuar decisivamente como alavanca da economia também foi proposta por Paul Romer, Professor de Economia de Chicago, e por outros intelectuais. Ganhou repercussão a ideia da “tríplice hélice” (*triple Helix*), de Loet Leydesdorff, que escreveu, em 2006, *The Knowledge-BasedEconomy* (*A economia baseada no conhecimento*) e de Henry Etzkowitz, autor de *The Triple Helix: University, Industry, GovernmentInnovation in Action* (*A Tríplice Hélice: Universidade, Indústria e Governo: a Inovação em Ação*). Acrescente-se a contribuição de Kathryn Mohrman, da Universidade John Hopkins, e David Baker, da Universidade da Pensilvânia, que criaram o conceito de “*emerging global model*” (modelo global emergente). Defendem que toda universidade supere suas fronteiras nacionais e preparem indivíduos para atuar em todo o planeta.

⁹ MARTINS, Carlos Benedito. Op.cit., p. 5.

Indicam que elas devem privilegiar a pesquisa, que tem caráter incremental no processo econômico. Propõem que diversifiquem a captação de recursos pela cobrança de anuidades, por meio de parcerias com governos e corporações e mediante a criação de empresas para explorar comercialmente novos produtos ou serviços de alta tecnologia. Sugerem mudanças na cultura acadêmica e no comportamento de dirigentes, docentes e alunos, através da prática de uma atitude gerencial e empreendedora.¹⁰

Aparentemente, hoje predomina a orientação no sentido de que a universidade se engaje no processo de desenvolvimento econômico e sirva ao mercado. O modelo estritamente intelectual estaria superado, para tanto contribuindo o elitismo de algumas instituições nas quais as congregações se envolvem mais em questões de cargos do que na avaliação das megatendências planetárias. Assim é que existe exacerbada disputa de cargos, até os honoríficos, digladiam-se a hegemonia departamental e alimentam-se pretensões corporativistas, sem preocupação maior com os destinos da instituição.

Este panorama é o definitivo na história das universidades?

3 UMA TERCEIRA VIA

O modelo intelectual sobrevive em algumas instituições, como o reconhece o sociólogo Carlos Bedito Martins, cujo artigo suscitou estas reflexões e do qual se extraiu a maior parte deste texto. O empenho no aprofundamento puro do saber continua a ocorrer, sobretudo nas universidades confessionais. As Universidades Católicas representam um patrimônio humanitário. Algumas delas são repositório de um conhecimento acumulado, solidificado e coerente, disponível e consolidado, ao qual se recorre quando é preciso resgatar valores. O seu compromisso com a proposta cristã propicia o retrospecto de toda a caminhada em que o saber foi produzido à luz de princípios básicos da civilização ocidental, a partir da igualdade entre os humanos, pois todos filhos de Deus e irmãos de Cristo.

Só essa contribuição do Cristianismo já teria validado os dois milênios de sua caminhada sobre o planeta. Mas a filosofia cristã ofereceu muito mais ao

¹⁰ Idem, *ibidem*.

capital intelectual da humanidade. Basta lembrar Agostinho, Tomás de Aquino, Jacques Maritain e Teilhard de Chardin, entre tantos outros.

Aprofundar o conhecimento, sem outra preocupação que não seja o aprimoramento da consciência, o avanço na vereda infinita rumo ao saber, é algo que justifica a efêmera passagem do ser humano pelo planeta Terra.

Nada obstante, é saudável que a universidade não se perca nos devaneios etéreos e assuma o compromisso histórico de se preocupar com aquilo que tornará a vida melhor para o semelhante, notadamente em relação ao hipossuficiente, ao excluído, ao despossuído e ao desprovido de perspectivas.

Em um País de desigualdade extrema de crescimento da miséria e da exclusão como o Brasil, a universidade tem um compromisso com a criação de alternativas para viabilizar a subsistência digna da enorme legião dos desvalidos.

A sociedade informatizada e virtual do século XXI depende de uma universidade inclusiva. Grande parcela dos universitários brasileiros desconhece as profissões derivadas do mundo da inovação. Por esse motivo, mais de 1.200 vagas abertas em *startups* não conseguem ser preenchidas. A solução é a urgência de maior conexão entre academia, empresas e governo. Foi o que alavancou o Vale do Silício, Israel, Índia e China. Até o linguajar contemporâneo oferece dificuldades a quem não está entrosado com a realidade digital. Yuval Noah Harari, cujos livros *Homo Deus*, de 2016, e *Homo Sapiens*, de 2011, tornaram-se alvo de leitura e consulta em inúmeros ambientes, diz que o ser humano é programado para entender o mundo em escala linear, com certa previsibilidade. O problema de hoje é que se vive em escala exponencial. Adaptar-se a tal realidade é um desafio que atinge a todos, mas para o qual a universidade deve e precisa estar mais preparada. A sua função é formar a cidadania do amanhã. Não pode ignorar o que acontece com o Brasil de nossos dias e sua frustrante falta de competitividade.

No *ranking* do Índice Global de Inovação de 2017, o Brasil ficou em 64º lugar. Perdeu 17 posições em relação a 2011. O que explica esse insucesso?

Para Gianna Sagazio, Diretora de Inovação da Confederação Nacional da Indústria (CNI), a inovação não é prioridade brasileira.

Na China, o primeiro país de renda média que ficou entre os vinte mais inovadores do mundo, existe uma estratégia montada para que a inovação seja o

fiu condutor do desenvolvimento. Os países mais inovadores – por acaso, os mais competitivos e desenvolvidos – têm políticas com prioridade para investir nessa área. Em 2017, os EUA investiram R\$ 2 trilhões; a China, R\$ 1 trilhão; a Alemanha, R\$ 407 bilhões. Estamos bem longe disso.¹¹

A educação é uma ferramenta fundamental para mudar esse quadro preocupante. “Não dá para formar um profissional preparado para a quarta revolução industrial usando a mesma base curricular de 40 anos atrás”¹². A adoção da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um passo em que se deve apostar. Mas não é suficiente. É preciso haver envolvimento pleno: família, sociedade, universidade, governo.

O diagnóstico a respeito da parceria Governo/universidade para gerar uma cultura de inovação no Brasil é muito aflitivo. Soumitra Dutta, Professor da Cornell SC Johnson College of Business, um dos responsáveis pelo Índice Global de Inovação, divulgado em 10.07.2018, prega urgentíssimo estreitamento da relação entre indústria e academia e a criação de uma estratégia nacional que sobreviva a mudanças de governo.

A prática falência da Democracia Representativa é uma das angústias contemporâneas. O *timing* do Governo não vai além das próximas eleições. Um projeto consistente de estímulo à inovação é de longo prazo, lento e sujeito a retomadas de ritmo e rumo. Uma das falhas apontadas por Soumitra Dutta é exatamente a falta de comunicação entre o mercado e a universidade. “É preciso ter uma ligação maior entre indústria e academia. Essa ligação é mais fraca do que eu acho que deveria ser”¹³. Há uma resistência da área docente brasileira em se aproximar da empresa. Enquanto que nos Estados Unidos, quanto mais próxima a parceria, melhor a avaliação da universidade. Não se pode olvidar que a empresa foi a instituição que sobreviveu no século XX, sem dispor – ao menos como regra e permanentemente – de aporte do Erário. Enquanto isso, as estatais

¹¹ ROLLI, Claudia. País precisa pensar no futuro e virar a chave do seu crescimento. Entrevista com a economista Gianna Sagazio. *Folha de São Paulo*, Seminário Folha – Inovação no Brasil, 2.ed., p. 6, 16 ago. 2018.

¹² Idem, *ibidem*.

¹³ BRANT, Danielle. Conexão fraca entre academia e mercado afeta posição brasileira. *Folha de São Paulo*, Seminários Folha, Inovação no Brasil, p. 7.

se mostram – também como regra, não como exceção – mais dispendiosas, lentas e ineficientes quando comparadas com a iniciativa privada.

É preciso acabar com o preconceito, com a pré-compreensão equivocada, com a intolerância. Reconhecer que o Brasil está se distanciando aflightivamente das maiores potências mundiais. Aceitar o envolvimento de setores que não podem ser hostilizados, como as empresas, quando tentam se aproximar da universidade¹⁴.

Por que Israel se tornou uma das principais potências no desenvolvimento de *startups* em todo o globo? Ali se criam, em média, 1.400 negócios dessa tipologia por ano, diz o Cônsul-Geral em São Paulo, Dori Goren: “O Governo fez uma aliança entre setor privado, academia e instituições públicas. Estamos entre os primeiros no mundo em investimento em pesquisa e desenvolvimento em relação ao PIB”¹⁵.

Embora o Brasil tenha as melhores universidades da América Latina, conforme o *ranking* britânico divulgado pelo Times Higher Education (THE), ele perde em relação ao impacto que elas produzem na sociedade. São cinco os indicadores do THE: ensino, pesquisa científica, impacto da pesquisa, internacionalização e relação com a indústria. Considerados os cinco componentes, a Unicamp lidera a América Latina, seguida pela USP. Seis universidades brasileiras estão entre as dez primeiras da região. Mas quem exerce o maior impacto na América Latina é a Universidade Caytano Heredia, do Peru. A primeira brasileira que surge na lista é a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), em 16º lugar. A Unicamp está em 28º e a USP em 29º.

Um dos problemas para essa classificação é que a maioria dos trabalhos científicos produzidos pela universidade brasileira é elaborada em português. Falta uma consciência brasileira mais atenta a essa realidade. Tanto de parte do Governo, para investir consistentemente em pesquisa pura, como da parte do empresariado. Um convívio mais próximo entre os principais interessados é fator de alavancagem do desenvolvimento científico. E sem este não se alcançará o estágio esperado em relação ao verdadeiro progresso brasileiro. A era é a da

¹⁴ Emblemático o episódio da Faculdade de Direito da USP, a São Francisco, que aceitou o patrocínio de alguns empresários para aproveitamento e readequação de salas desprovidas de conforto e tecnologia, obra realizada às expensas dos doadores e que foram rechaçadas por um alunado resistente a uma aproximação elogiada e ambicionada em outras Nações mais desenvolvidas.

¹⁵ NEIVA, Leonardo. Empresas ainda têm de aprender a trabalhar com *startups*. *Folha de São Paulo*, Seminários Folha, Inovação no Brasil, p. 11.

partilha de anseios e angústias com os *stakeholders*. Estes querem resultados. A universidade não pode mais funcionar como ilha distante, sem compromisso com os anseios de uma humanidade desiludida com a falência da Democracia Representativa.

Optar pela Terceira Via remete à adoção de uma concepção pragmática de universidade. Tendência promissora de que esse viés passa a ter abrigo na mentalidade dirigente das três maiores Universidades Paulistas – USP, Unicamp e Unesp – é a de que acabam de criar escritórios, comissões e núcleos de inteligência com o objetivo de estabelecer canais de comunicação com agências multilaterais de fomento à pesquisa científica. Providos de consultorias estrangeiras, esses órgãos poderão contar com projetos de modernização do ensino superior para que nossas universidades não sejam ultrapassadas por congêneres internacionais em qualidade de ensino.

Um projeto conjunto, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (Fapesp), visa aperfeiçoar a divulgação de dados e estabelecer medidas próprias de *avaliação* de desempenho. Na visão do ex-Reitor da USP, Jacques Marcovitch, “o que se espera é *desenvolver* competências humanas e tecnológicas para lidar com o desafio das métricas, que é *dinâmico*”¹⁶. Um dos tópicos observados pelos *rankings* das melhores universidades promovido por organismos conceituados, como a Times Higher Education, é justamente o nível de absorção, pelas empresas, das tecnologias inovadoras desenvolvidas por seus professores e pesquisadores. As grandes Universidades, como Harvard, MIT e Stanford, nos Estados Unidos, Oxford e Cambridge, na Grã-Bretanha, e mesmo as Universidades de Hong Kong e Pequim, sabem disso e levam a sério a aproximação com aquele setor obrigado a sobreviver sem o Erário: o empresariado, o empreendedor e o vocacionado à iniciativa privada.

Em oportuno e promissor momento, a USP criou o Escritório de Gestão de Indicadores de Desempenho Acadêmico, destinado a oferecer aos elaboradores dos principais *rankings* internacionais informações mais precisas sobre suas atividades. E, melhor ainda, inaugura o Centro de Inovação, em parceria com o Instituto Pasteur, com núcleos de pesquisa em saúde, biologia e tecnologia.

Feitas essas considerações, serão abordadas as contribuições que o pragmatismo pode oferecer para o cenário das universidades, com vistas à ampliação de sua capacidade transformadora.

¹⁶ MARCOVITCH, Jacques. Iniciativa Inteligente. *O Estado de São Paulo*, p. A3, 11 set. 2018.

4 O PRAGMATISMO EM NOSSOS DIAS

O verbete ganhou vida própria e se afastou da origem semântica. Não significa, singelamente, abraçar a prática e abandonar a teoria. Em 1982, Richard Rorty escreveu *Consequências do pragmatismo* e é considerado o filósofo da pós-filosofia. Ele se afastou da filosofia tradicional de tipo fundacional que, desde Descartes, se preocupa com a interiorização e se desvincula das questões concretas que angustiam o ser humano.

Rorty considera os três filósofos mais importantes do século XX Dewey, Wittgenstein e Heidegger. Pensadores que de início enveredaram pela filosofia fundacional, mas no trajeto perceberam que a filosofia pode oferecer mais ao gênero humano. Produziram, em seguida, uma obra terapêutica, edificante, cujo objetivo faz o estudioso refletir quais os motivos que justificam o estudo de filosofia no século XXI.

A filosofia em nossos dias tem de investir na crítica da cultura e contribuir para aperfeiçoar o convívio entre as pessoas. No livro *A filosofia e o espelho da natureza*, Rorty inicia o desenvolvimento das ideias que o tornaram o fundador do neopragmatismo. E Rorty continua a defender o pragmatismo em suas obras posteriores: “É comum ouvirmos dizer que o pragmatismo é uma filosofia tipicamente norte-americana. Algumas vezes isto é dito em tom de desprezo, como o fazia Bertrand Russell, querendo dizer que o pragmatismo é uma filosofia superficial, própria de um país imaturo”¹⁷. Lamenta que as pessoas pretendam estabelecer uma conexão mais forte entre filosofia e política do que aquela que existe ou que pode haver, dá razão a Dewey que chamou o pragmatismo de “a filosofia da democracia”¹⁸,poistanto o pragmatismo quanto a América simbolizam uma disposição esperançosa, progressista e aberta à experimentação.

Na otimista expressão de Richard Rorty, o pragmatismo significa a possibilidade de “substituir o tipo de conhecimento habitualmente almejado pelos filósofos por *esperança*”¹⁹. Esta é a palavra-chave para oferecer um projeto a um Brasil desencantado. Assim como Whitman influenciou a *virada semântica*

¹⁷ RORTY, Richard. Verdade sem correspondência com a realidade. Apud MAGRO, Cristina; PEREIRA, Antonio Marcos (Org.). *Pragmatismo. A filosofia da criação e da mudança*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 19.

¹⁸ RORTY, Richard. Op. cit., p. 21.

¹⁹ Idem, *ibidem*.

Rorty, a substância de seu pensamento pode influenciar a resiliência daqueles que, no Brasil, não se conformam com os descaminhos da política. Rorty se concentrou “na frase de Whitman ‘a América conta, para sua justificação e sucesso, quase que inteiramente com o futuro’”²⁰. É a alternativa para o Brasil, cujo passado recente só envergonha as pessoas de bem.

Por isso é que o pragmatismo pode representar uma senda auspiciosa para a restauração dos valores e para a recomposição do caráter nacional, pois, “se existe algo de peculiar ao pragmatismo é que ele substitui noções como *realidade*, *razão* e *natureza* pela noção de um futuro humano melhor. Pode-se dizer do pragmatismo o mesmo que Novalis disse a respeito do Romantismo: ele é ‘a apoteose do futuro’”²¹.

O pragmatismo não tem projetos inflexíveis e rígidos. Prefere trabalhar com a surpresa. Exatamente conforme ocorre com a imersão da sociedade humana no fenômeno irreversível da 4ª Revolução Industrial. O que importa é o horizonte, a perspectiva e a abertura ao inesperado.

Outra das influências de Rorty foi John Dewey, que criticou a tendência conservadora da filosofia tradicional. A filosofia tem de ser instrumento de mudança, e não de conservação. Dewey queria libertar-se do que chamou “a noção, que regulou a filosofia desde o tempo dos gregos, de que a tarefa do conhecimento é revelar o antecedentemente real, ao invés de, como é o caso com os nossos juízos práticos, adquirir o tipo de compreensão necessária para lidar com os problemas à medida que eles surgirem”²². Em lugar da busca frenética da *verdade*, o pragmatismo se preocupa com a busca da *justificação* e do *acordo*.

O Brasil precisa despertar para uma série imensa de graves problemas: a miséria, a desigualdade, o extermínio do verde e o envenenamento do solo, das águas e da atmosfera, ausência de saneamento básico e de infraestrutura, educação miserável, saúde na UTI, desemprego e violência. É preciso mais?

Por isso a atualidade do pragmatismo de Rorty, com sua questão prática:

Nossas formas de descrever as coisas, de relacionar as coisas umas com as outras de maneira a lidarmos melhor

²⁰ Idem, *ibidem*.

²¹ Idem, *ibidem*.

²² DEWEY, John. *Later Works of John Dewey*. Carbondale, Southern Illinois University Press, v. 4, 1976-1983. p. 14.

com elas e fazê-las satisfazer nossas necessidades de maneira mais adequada, são as melhores possíveis? Ou será que podemos fazer melhor? Será que nosso futuro pode ser melhor que nosso presente.²³

Essa linguagem a juventude entende, pois se vê cansada de promessas, de mentiras, de falácias e de comportamento antirrepublicano, para não dizer criminoso.

A mocidade brasileira não dispõe de bons exemplos e está sem norte. No livro *Moral Tribes*, o psicólogo e filósofo Joshua Greene sustenta a origem dual dos sistemas morais. Eles se apoiam em profunda base emocional e isso explica parcela considerável da violência, da intolerância, do inconformismo e da ira disseminada pelo Brasil de 2018. “Nossa moralidade emocional funciona bem quando lidamos com membros de nossa própria tribo, mas patina diante de pessoas ligadas a grupos muito diferentes”²⁴. Esse estado de beligerância sugere a adesão pragmática ao utilitarismo, na tentativa de priorizar o mínimo de sofrimento e o máximo de bem-estar para o maior número de pessoas.

É o que se chama, no dizer de Joshua Greene, “pragmatismo profundo”, consistente em série de estratégias propostas para evitar os julgamentos emocionais e automáticos diante de controvérsia moral. Basear-se em fatos e dialogar, antes de chegar à conclusão do que é certo e errado. Seria o estágio utópico e ideal da *metamoralidade*, arcabouço capaz de resolver dilemas morais com grupos de visões distintas, sem que o confronto impusesse o massacre de um pelo outro.

Não é fácil despertar o jovem para uma reflexão filosófica, tamanho o preconceito de que frui tal disciplina, quando inserta no ensino fundamental. Também contribui para tanto a acerba crítica dos cientistas em relação ao estudo de Filosofia. É uma questão axiológica. O valor conferido à ciência sobrepuja a menos-valia cometida à Filosofia.

Como observa Subrena E. Smith, Mestre e Doutora pela Universidade Cornell, EUA, assistente de filosofia na Universidade de New Hampshire,

²³ RORTY, Richard. Op. cit., p. 97.

²⁴ GREENE, Joshua. Além das tribos morais. Entrevista concedida a Reinaldo José Lopes. *Folha de São Paulo*, Ilustríssima, p. 7, 1º jul. 2018.

alguns alunos duvidam que os filósofos tenham algo de útil a dizer sobre a ciência. Eles sabem que cientistas proeminentes declararam em público que a filosofia é irrelevante para a ciência, se não completamente *inútil e anacrônica*. Sabem que o ensino na área de exatas (ciência, tecnologia, engenharia e matemática) é considerado *bem mais importante que o de humanidades*.²⁵

A concepção generalizada entre o alunado é que Filosofia é uma disciplina desconcatenada, acolhe noções de opinião. Já a ciência descobre fatos, produz provas e dissemina verdades objetivas. Além disso, o cientista pode responder questões filosóficas, enquanto o filósofo não tem condições de responder questões científicas.

Para a Mestra de New Hampshire, quatro razões inspiram o menosprezo pela Filosofia, principalmente por parte dos alunos da área científica:

- a) falta de consciênciahistórica; filosofia e ciência são criações humanas dinâmicas. Houve tempo em que a Filosofia abarcava a ciência. Música já pertenceu ao Departamento de Matemática;
- b) resultados concretos. A ciência resolve problemas do mundo real. Impulsiona a tecnologia, que fornece coisas tangíveis. Mas o produto tangível da Filosofia é enorme: os experimentos filosóficos abstratos de Einstein culminaram na sonda espacial Cassini; a lógica de Aristóteles gerou a computação, os *laptops* e *smartphones*. O estudo mente-corpo preparou o terreno para a neuropsicologia e para a tecnologia de ressonância magnética. Os exemplos poderiam ser infindáveis;
- c) preocupações sobre verdade, objetividade e vieses cognitivos. A ciência nem sempre é objetiva. Veja-se a Física quântica, a revisão dos teoremas;
- d) imagem de educação científica. Ciência seria algo que cataloga coisas que existem. Fatos são fatos.

Essa visão equivocada resulta de um ensino também equivocado, tanto da Ciência quanto da Filosofia. É urgente uma aproximação e uma intimidade entre os vários campos do saber. Já existe uma proposta:

Os cientistas continuam a ensinar os fundamentos da Ciência, mas podem ajudar deixando claro que a

²⁵ SMITH, Subrena E. Por que filosofia da ciência importa. *FSP*, Ilustríssima, p. 3, 1º jul. 2018.

*Ciência está repleta de questões conceituais, interpretativas, metodológicas e éticas importantes que os filósofos estão perfeitamente capacitados a tratar e que, longe de serem irrelevantes, as questões filosóficas são cruciais na Ciência.*²⁶

Uma boa leitura para quem despreza a Filosofia é a dos pré-socráticos, todos filósofos que procuraram explicar o mundo à luz de fatos e circunstâncias eminentemente científicos.

A Ciência é herdeira da tradição filosófica ocidental. Mais do que isso, devem-se aos pré-socráticos inúmeras lições. Entre elas, talvez a mais instigante, para os propósitos desta reflexão: “O fundamental é continuarmos a perguntar, a procurar por explicações racionais das coisas, acreditando que esta luz, mesmo que às vezes trêmula, jamais será apagada pelas trevas da ignorância”²⁷.

A propósito, Marcelo Gleiser, ao apresentar o livro *Pré-socráticos – A invenção da razão*, de Auterives Maciel Júnior, equaciona a interconexão:

Muita gente contesta onde e quando começou realmente o que chamamos de Ciência. A discussão é mesmo complicada, pois ela depende de como a definimos. Se entendermos Ciência no sentido moderno, em que modelos matemáticos são desenvolvidos na tentativa de expressar, da melhor forma possível, resultados obtidos em experiências realizadas em laboratórios ou observações de fenômenos naturais, talvez seja adequado começar com Galileu Galilei, na Itália, e Johannes Kepler, na Alemanha, no início do século XVII. Porém, se por Ciência entendemos a tentativa de compreender racionalmente o comportamento dos fenômenos naturais sem uma preocupação direta com a experimentação, então devemos começar a nossa história muito antes, em torno de seiscentos anos antes de Cristo.²⁸

²⁶ Idem, *ibidem*.

²⁷ GLEISER, Marcelo. *Apresentação a pré-socráticos – A invenção da razão*, de Auterives Maciel Júnior. 2.ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2007. p. 12.

²⁸ *Ibidem*, p. 9.

Talvez olhar para o pragmatismo como uma alternativa para a universidade brasileira seja algo auspicioso, porque finca raízes na realidade concreta, nas suas oportunidades e nas possibilidades de transformação que daí advém. Ao menos como provocação, como gostam os intelectuais, a hipótese parece oportuna. Segue urgente, contudo, a necessidade de revisitação, de análise crítica, de olhar para dentro de modo a aprofundar a compreensão de seu papel e sua importância.

CONCLUSÃO

A universidade brasileira recebeu do constituinte uma tríplice missão: *ensinar, pesquisar* e produzir resultados no entorno e para a sociedade, sob a rubrica *extensão*. Nada obstante, reconhece-se deficiente, ao menos como regra, a participação da universidade no incremento da melhoria de condições existenciais para a maioria dos brasileiros, cuja parcela maior tende a ser excluída da sociedade de consumo.

Não existe consenso em relação ao papel da universidade brasileira no presente quadro histórico. Digladiam-se concepções das mais distintas e prevalece uma espécie de *autismo*, que faz com que ela se preocupe com a subsistência e com as questões internas, sem diálogo com a sociedade.

Tentativas de aproximação da universidade com o empresariado, com a iniciativa privada, com outros setores igualmente interessados no desenvolvimento saudável do Brasil, são frustradas sob argumento de que ela não pode *se vender* ao capital, mantendo-se inerte e neutral na grande epopeia rumo à retomada do crescimento.

Prevalece no País o modelo *intelectual*, a conceber a universidade como espaço social e intelectual vocacionado à procura e ao cultivo do saber. É uma tradição que tem no projeto de criação da Universidade de Berlim, em 1810, por Wilhelm von Humboldt, a sua formatação mais emblemática.

Parece predominar em nossos dias, de parte da sociedade, a orientação no sentido de que a universidade se engaje no processo de desenvolvimento econômico e sirva ao mercado. O modelo estritamente intelectual estaria superado, para tanto contribuindo o elitismo de algumas instituições nas quais as congregações se envolvem mais em questões de que na avaliação das megatendências planetárias.

Em um País de desigualdade extrema de crescimento da miséria e da exclusão como o Brasil, a Universidade tem um compromisso com a efetiva criação de alternativas para viabilizar a subsistência digna da enorme legião dos desvalidos.

A sociedade informatizada e virtual do século XXI depende de uma universidade inclusiva. Grande parcela dos universitários brasileiros desconhece as profissões derivadas do mundo da inovação. Por esse motivo, mais de 1.200 vagas abertas em 2018 nas *startups* não conseguem ser preenchidas. A solução é a urgência de maior conexão entre academia, empresas e governo.

O pragmatismo de Richard Rorty é a alternativa mais apetecível para seduzir a juventude combatida pelos maus exemplos das altas esferas, pois não significa singelamente abandonar a teoria e abraçar a prática. O neopragmatismo de Rorty significa priorizar o futuro e abandonar a busca frenética da verdade, que, até então, alimentava a vida universitária do Planeta. Substituir o tipo de conhecimento perseguido pela filosofia tradicional pelo cultivo da *esperança* é o discurso que pode atrair a mocidade e fazê-la enfrentar os estudos, realizar pesquisas e aplicar seus resultados na mudança – para melhor – do convívio social.

Não se deve esperar que o Governo empunhe tal bandeira, porque a preocupação do governante, em Democracia Representativa de quase quarenta partidos, é sustentar a coalizão que permitirá eleições e reeleições. O *timing* do Governo é muito diverso daquele característico à educação, que não pode prescindir de planejamento, projetos, execução, gestão e continuidade.

REFERÊNCIAS

BRANT, Danielle. Conexão fraca entre academia e mercado afeta posição brasileira. *FSP*, SemináriosFolha, Inovação no Brasil.

DEWEY, John. *Later Works of John Dewey*. Carbondale, Southern Illinois University Press, v. 4, 1976-1983.

GLEISER, Marcelo. *Apresentação a pré-socráticos- A invenção da razão*, de Auterives Maciel Júnior. 2. ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2007.

GREENE, Joshua. Além das tribos morais. Entrevista concedida a Reinaldo José Lopes. *FSP*, Ilustríssima, 1º jul. 2018.

MARCOVITCH, Jacques. Iniciativa inteligente. *OESP*, 11 set. 2018.

MARTINS, Carlos Benedito. Adeus, Humboldt. *FSP*, Ilustríssima, 19 ago. 2018.

NEIVA, Leonardo. Empresas ainda têm de aprender a trabalhar com *startups*. *FSP*, Seminários Folha, Inovação no Brasil.

ROLLI, Claudia. País precisa pensar no futuro e virar a chave do seu crescimento. Entrevista com a economista Gianna Sagazio. *FSP*, Seminário Folha – Inovação no Brasil, 2. ed., p. 6, 16 ago. 2018.

MAGRO, Cristina; PEREIRA, Antonio Marcos (Org.). *Pragmatismo. A filosofia da criação e da mudança*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

ROLLI, Claudia. País precisa pensar no futuro e virar a chave do seu crescimento. Entrevista com a economista Gianna Sagazio. *Folha de São Paulo*, Seminário Folha – Inovação no Brasil, 2.ed., p. 6, 16 ago. 2018.

SMITH, Subrena E. *Por que filosofia da ciência importa*. *FSP*, Ilustríssima, p. 3, 1º jul. 2018.

Submissão em: 13.09.2018

Rodada 1

Avaliado em: 30.09.2018 (Avaliador A)

Avaliado em: 08.10.2018 (Avaliador C)

Rodada 2

Avaliado em: 16.01.2019 (Avaliador A)

Aceito em: 29.01.2019

